

11. Respostas às Objeções.

11.1. “Prostrar-se de Joelhos” Apenas na Oração Pastoral?

Acompanhando Roger W. Coon, Doutor em Teologia e Professor no Seminário Adventista da Andrews University, os Pastores Mauro Bueno (autor do livro *“Ensina-nos a Orar” – Uma análise sobre a postura e atitudes corretas na oração*), Eliseu C. Lira e Wellington Will (autores do artigo “Adoração Genuína – A Busca do Culto Racional”, disponível no site www.adventistas.com) asseveram que a repreensão dada pela senhora White a certo indivíduo que estava para orar em pé, a qual é descrita em *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, primeiro parágrafo, tinha relação não com uma oração qualquer, mas com a oração pastoral, que de ordinário é feita de joelhos nos cultos regulares da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Entretanto, isso deve ser denunciado como descarada perversão do pensamento da autora, vez que o texto não traça nenhuma vinculação entre a repreensão proferida e o fato de ser aquela uma ocasião *específica* para se orar ajoelhado. Tal proposta de interpretação só pode ser fruto de falta de preparo acadêmico por parte de seus mentores ou de má fé mesmo.

Ora, que sentido faria listar diversas passagens das Escrituras, em que servos de Deus aparecem orando ajoelhados, para se fundamentar a sentença “Prostre-se de joelhos!” Esta é sempre a posição apropriada.”? Se a pessoa pode variar, sem qualquer critério objetivo, sua postura na oração, esse procedimento literário da senhora White torna-se sem sentido e seu raciocínio, um total absurdo!

Além disso, Ellen G. White deixa muito claro que sua afirmação “Esta é sempre a posição apropriada.” não se restringe aos cultos na igreja. Senão, lembre-

se o seguinte trecho:

“Tanto no **culto público** como no **PARTICULAR** é nosso dever prostrar-nos de joelhos diante de Deus quando Lhe dirigimos nossas petições.”¹

Seria interessante que os defensores da variação explicassem melhor esse texto à luz de seu próprio raciocínio, se o puderem fazer (obviamente não podem!). A irmã White é muito clara ao dizer: “quando Lhe dirigimos nossas petições.”. Isto é, sempre que alguém elevar a Deus uma prece, estando em casa ou na igreja, deve se pôr de joelhos.

Ademais, outros trechos em *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, aludem ainda aos alunos e professores nas escolas. O que tem isso a ver com a oração pastoral no culto? NADA, absolutamente nada, o que demonstra o flagrante equívoco dos defensores da variação em sua desarrazoada tese.

Alguns querem ainda desviar o foco das atenções com comentários do tipo: “Não creio que a irmã White, como serva do Senhor, tenha mencionado a sentença, embora gramaticalmente no imperativo, de forma ríspida e com o dedo em riste, como alguns querem interpretar. Tal ato não seria do feitio de uma cristã.” Quanto a um parecer tão ridículo quanto esse, paira a dúvida se o melhor a fazer é ignorá-lo, debochá-lo, ou tentar contra-argumentá-lo. Para evitar acusações de falta de Cristianismo, prefere-se contra-argumentar. Quem é que disse que a senhora White estava com “o dedo em riste”? O texto não diz como é que ela estava com seu dedo! [Talves estivesse com ele no nariz!!!]² Isso parece até brincadeira de mal gosto! Em vez de fornecer uma explicação plausível para o texto, o autor desse comentário quer discutir se E. G. White apontou ou não o dedo para o indivíduo que ia fazer a oração. O que importa é que o texto traz as palavras “repreensão pública”. Maiores comentários representam mera especulação!

¹ WHITE, Ellen Gould. *Mensagens Escolhidas*, vol. 2. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, p. 312.

² Mera força de expressão como recurso de retórica.

Conclui-se, portanto, que *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, não se restringe apenas à oração pastoral, mas se estende a qualquer oração.

11.2. A Oração de Salomão na Dedicção do Templo.

Após as explicações nos capítulos precedentes, talvez fosse até desnecessário tecer mais comentários aqui sobre o episódio da dedicação do Templo. Todavia, como a oração de Salomão é citada amiúde para defender a possibilidade de se orar em pé na igreja, serão dedicadas mais algumas linhas para se esclarecer cabalmente a questão.

O problema principal no caso da dedicação do Templo reside na omissão em 1 Reis 8:22 do ato do rei e do povo se ajoelharem e no fato de que a última referência à posição física de Salomão antes da oração apresenta-o em pé (verso 14).

Mas, 1 Reis 8:54-56 esclarece que Salomão estava ajoelhado no momento da oração. Isso fica ainda mais evidente no texto paralelo de 2 Crônicas 6:1-14:

“Então, disse Salomão: O SENHOR declarou que habitaria em nuvem espessa! Edifiquei uma casa para tua morada, lugar para a tua eterna habitação.

“Voltou, então, o rei o rosto, e abençoou a toda a congregação de Israel, enquanto ela se mantinha em pé, e disse: Bendito seja o SENHOR, o Deus de Israel, que falou pessoalmente a Davi, meu pai, e pelo seu poder o cumpriu, dizendo: Desde o dia em que eu tirei o meu povo da terra do Egito, não escolhi cidade alguma de todas as tribos de Israel, para edificar uma casa a fim de ali estabelecer o meu nome; nem escolhi homem algum para chefe do meu povo de Israel. Mas escolhi Jerusalém para que ali seja estabelecido o meu nome e escolhi a Davi para chefe do meu povo de Israel. Também Davi, meu pai, propusera em seu coração o edificar uma casa ao nome do SENHOR, o Deus de Israel. Porém o SENHOR disse a Davi, meu pai: Já que desejaste edificar uma casa ao meu nome, bem fizeste em o resolver em teu coração. Todavia, tu não edificarás a casa; porém teu filho, que descenderá de ti, ele a edificará ao meu nome. Assim, cumpriu o SENHOR a sua palavra que tinha dito, pois me levantei em lugar de

Davi, meu pai, e me assentei no trono de Israel, como prometera o SENHOR; e edifiquei a casa ao nome do SENHOR, o Deus de Israel. Nela pus a arca em que estão as tábuas da aliança que o SENHOR fez com os filhos de Israel.

“Pôs-se Salomão diante do altar do SENHOR, na presença de toda a congregação de Israel, e estendeu as mãos. Porque Salomão tinha feito uma tribuna de bronze, de cinco côvados de comprimento, cinco de largura e três de altura, e a pusera no meio do pátio; **pôs-se em pé sobre ela**, **ajoelhou-se** em presença de toda a congregação de Israel, estendeu as mãos para o céu e disse: Ó SENHOR, Deus de Israel, não há Deus como tu, nos céus e na terra, como tu que guardas a aliança e a misericórdia a teus servos que de todo o coração andam diante de ti.”

É necessário esclarecer aqui a devida distinção entre **oração** e **benção**. Ellen G. White define a oração como “o ato de abrir o coração a Deus como a um amigo” (*Caminho a Cristo*, p. 93). A oração é comumente entendida como o ato de dialogar com Deus. Portanto, em toda oração, deve estar presente o vocativo, isto é, o chamado à pessoa com quem se está falando. Nesse caso, o vocativo refere-se a Deus (“Pai nosso que estás nos céus”, por exemplo). A Bíblia freqüentemente alude ao ato de invocar o nome de Deus.

A benção, por sua vez, não é um diálogo com Deus. Consiste em palavras de bem-aventurança que são proferidas em nome de Deus ao ouvinte ou adorador. Quem pronuncia a benção coloca-se, não como um humilde suplicante, mas como autoridade designada por Deus.

Assim, sempre que se ora, ou seja, fala-se com Deus, a posição física indicada é prostrado de joelhos. Na benção, todavia, não deve o cristão se ajoelhar, pois não está se dirigindo a Deus; antes, está a receber palavras de poder para continuar a sua jornada espiritual. Também o ministro não deve se ajoelhar, pois está falando em nome de Deus, e Este não adora a ninguém; antes é digno de toda a adoração.

É por isso que Salomão proferiu a benção em pé e orou ajoelhado. [Ver modelo de benção em Números 6:23-27.]

Mas, se alguma dúvida persiste, a senhora White se encarrega de dissipá-la, com o seguinte comentário, já citado nesta monografia:

“A oração oferecida por Salomão durante a dedicação do templo NÃO foi feita enquanto ele estava em pé. O rei se ajoelhou na humilde posição de um suplicante.”³

Poderia existir algo mais claro e explícito do que isso? Por certo que não. Mas, para encerrar a resposta a este item, cite-se ainda o parecer do S.D.A.B.C. (Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia), vol. 2, p. 766:

“A narrativa (deste episódio) em Crônicas é mais completa. É verdade que durante seu discurso Salomão estava em pé (II Crôn. 6:12), mas tendo agora terminado este discurso, ele “ajoelhou-se” (II Crôn. 6:13) para a oração de dedicação.”

11.3. A Parábola do Fariseu e do Publicano.

Querem alguns fundamentar seu pensamento pró-variação no fato de que o publicano aparece orando em pé na parábola narrada por Jesus. Isso, contudo, é um despautério, pelas razões elencadas a seguir:

- 1) Em *Mensagens Escolhidas*, vol. 2, a senhora White chama a atenção para o fariseu e não para o publicano. Com sua autoridade profética, ela aponta para a postura do fariseu como inadequada para um verdadeiro cristão.
- 2) A despeito disso, alguns querem fazer prevalecer seu argumento sob a alegação de que a senhora White não estava reprovando a postura do fariseu, mas seu estado de espírito. Aceitar essa tese, no entanto, seria *corromper* a clara linha de raciocínio desenvolvida pela senhora White desde o começo do capítulo, em que ela [a] cita o episódio em que teve que

³ *The Seventh-day Adventist Bible Commentary*, vol. 3. Editor: Francis D. Nichol. Washington, D.C.: The Review and Herald Publishing Association, Revised, 1.976. p. 1131.

repreender o irmão que estava para orar em pé; [b] transcreve vários textos da Bíblia que se referem à oração de joelhos; [c] esclarece que tanto no culto público como no particular o cristão tem o dever de se ajoelhar quando se dirige a Deus; [d] repreende pastores, diretores e professores das escolas adventistas por seu mau exemplo aos alunos; e, por fim, [e] introduz o relato da parábola do fariseu e do publicano. Isso comprova que a senhora White estava falando da postura física mesmo e não apenas do estado de espírito.

- 3) Se fosse o caso da condenação dela ao fariseu se restringir à falta de humildade deste, sem qualquer alusão à sua posição física, seria de esperar que ela dirigisse algum elogio ao publicano, já que este desceu para casa justificado, conforme a narrativa. Entretanto, ao passo que ela condena severamente o fariseu por sua posição física no momento da oração, não tece qualquer elogio ao publicano por sua postura, limitando-se apenas a transcrever o texto bíblico.
- 4) Se, por outro lado, o publicano não recebeu a mesma reprovação dada ao fariseu, isso se explica pelo fato de que o fariseu era uma pessoa conhecida por sua aparente religiosidade, sendo por vezes considerado um mestre espiritual do povo. Em contraste, o publicano era visto como um traidor da pátria, um cobrador de impostos que freqüentemente extorquia o povo, exigindo muito mais do que Roma estipulava. O publicano era posto no mesmo nível das prostitutas, como se depreende de Mateus 5:46; 9:10 e 11; 11:19; 21:31 e 32; Marcos 2:15 e 16; Lucas 5:30; 7:29 e 34; e 15:1. Era de se esperar que o fariseu, e não o publicano, estivesse em posição de humildade diante de Deus, o que de fato não ocorria.
- 5) Contextualmente, a senhora White encaixou esta parábola para reprovar os pastores, diretores e professores das escolas, já que estes deveriam ser os primeiros a ensinarem “por preceito e por exemplo” a posição ideal do servo de Deus em oração. Mas, tal qual o fariseu, esses homens estava falhando

em seu procedimento.

- 6) Que a real intenção da senhora White era tomar a postura do fariseu para reprovar todo aquele que ora em pé, percebe-se nitidamente de suas próprias palavras. Senão, observe-se:

“Note-se que foi o fariseu que a si mesmo se justificava que não se encontrava em POSIÇÃO de humildade e reverência diante de Deus; mas estando de pé em sua soberba presunção, ele contou ao Senhor todas as suas boas obras.”⁴

Fica assim completamente desmontada mais essa tese dos que admitem a oração em pé na igreja.

11.4. Jesus junto à Tumba de Lázaro.

Outro argumento que é empregado com acentuado vigor pelos defensores da variação é o da suposta oração de Jesus junto à tumba de Lázaro. Diz o texto bíblico:

“Jesus, agitando-se novamente em si mesmo, encaminhou-se para o túmulo; era este uma gruta a cuja entrada tinham posto uma pedra. Então, ordenou Jesus: Tirai a pedra. Disse-lhe Marta, irmã do morto: Senhor, já cheira mal, porque já é de quatro dias. Respondeu-lhe Jesus: Não te disse eu que, se creres, verás a glória de Deus? Tiraram, então, a pedra. E Jesus, levantando os olhos para o céu, disse: Pai, graças te dou porque me ouviste. Aliás, eu sabia que sempre me ouves, mas assim falei por causa da multidão presente, para que creiam que tu me enviaste. E, tendo dito isto, clamou em alta voz: Lázaro, vem para fora!”⁵

Sobre o episódio, comenta a senhora White:

“Cristo, sereno, Se acha de pé ante a tumba. Paira sobre todos os presentes uma santa solenidade. Cristo Se aproxima do sepulcro.

⁴ WHITE, Ellen Gould. *Mensagens Escolhidas*, vol. 2. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, p. 313.

⁵ João 11:38-43.

Erguendo os olhos ao Céu, diz: ‘Pai, graças Te dou por Me haveres ouvido.’ João 11:41.”⁶

A rigor, até seria possível questionar se Cristo de fato fez essa suposta oração em pé, pois que depois de descrevê-Lo nessa posição, a senhora White diz que Ele Se aproximou do sepulcro. Poderia ser o caso de Ele ter Se ajoelhado nesse instante. Realmente, o texto não apresenta 100 % de clareza no tocante à postura física de Jesus. Mas, para evitar reclamações da parte dos oponentes, que poderiam alegar que uma omissão do ato de se ajoelhar numa descrição tão simples e natural como essa seria difícil de se justificar, não se insistirá com essa tese.

O ponto central da discussão aqui é: por acaso, estava Jesus dentro de casa, no Templo ou numa Sinagoga?! Obviamente que não! Logo, esse texto não se presta a diminuir o vigor das declarações de E. G. White em *Mensagens Escolhidas*, vol. 2.

Alguns poderiam contra-argumentar que a passagem em que Jesus é descrito orando ajoelhado não se refere ao Templo ou a uma Sinagoga, mas ao Horto de Getsêmani. Isso é verdade. Todavia, o que deve ser esclarecido aqui é que, estando fora de casa ou da igreja, somente o indivíduo, diante do caso concreto, poderá avaliar se as circunstâncias permitem ou não que ele se ajoelhe. Dentro do ônibus ou caminhando pelas ruas da cidade, não se espera de um cristão sensato que se prostre de joelhos. Numa praia mais deserta ou noutro ambiente natural mais reservado, *talvez* a ocasião seja propícia. A regra geral é que todas as orações devem ser feitas de joelhos prostrados. As exceções dizem respeito às circunstâncias desfavoráveis. Apenas o próprio indivíduo pode avaliar se lhe é dado ou não o ajoelhar-se. Em casa ou dentro da igreja, salvo exceções de pessoas idosas, deficientes ou com algum problema físico momentâneo, as orações invariavelmente devem ser feitas de joelhos.

⁶ Id. *O Desejado de Todas as Nações*. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, p. 535.

Além do que se já comentou, é importante dizer ainda que nada no texto bíblico exige que se considerem aquelas breves palavras de Jesus como uma “oração” propriamente dita. O termo “oração” (grego: **proseuchv** – proseuchē) não ocorre em João 11.

As palavras de Jesus em João 11:41 e 42 se assemelham muito com outros dizeres que Ele mesmo proferiu em meio a um de Seus discursos:

“Passou, então, Jesus a **increpar** as cidades nas quais ele operara numerosos milagres, pelo fato de não se terem arrependido: Ai de ti, Corazim! Ai de ti, Betsaida! Porque, se em Tiro e em Sidom se tivessem operado os milagres que em vós se fizeram, há muito que elas se teriam arrependido com pano de saco e cinza. E, contudo, vos digo: no Dia do Juízo, haverá menos rigor para Tiro e Sidom do que para vós outras. Tu, Cafarnaum, elevar-te-ás, porventura, até ao céu? Descerás até ao inferno; porque, se em Sodoma se tivessem operado os milagres que em ti se fizeram, teria ela permanecido até ao dia de hoje. Digo-vos, porém, que menos rigor haverá, no Dia do Juízo, para com a terra de Sodoma do que para contigo.

“**Por aquele tempo, EXCLAMOU Jesus: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém conhece o Filho, senão o Pai; e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar.** Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma.

“Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve.”⁷

Observe-se agora a mesma expressão de louvor narrada por outro evangelista:

“Naquela hora, **EXULTOU Jesus no Espírito Santo e EXCLAMOU: Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque ocultaste estas coisas aos sábios e instruídos e as revelaste aos pequeninos. Sim, ó Pai, porque assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai. Ninguém sabe quem é o Filho, senão o Pai; e também ninguém sabe quem é o Pai, senão o Filho, e aquele a quem o Filho o quiser revelar.**”⁸

⁷ Mateus 11:20-30.

⁸ Lucas 10:21 e 22.

Ali, fica claro que Jesus não estava proferindo verdadeiramente uma oração, mas, sim, palavras de louvor e exaltação a Deus, como num cântico ou na recitação de um poema.

Também é necessário ressaltar que Jesus proferiu aquelas palavras junto ao sepulcro de Lázaro com o definido propósito de dar testemunho para os que se encontravam ao Seu redor. Isso, Ele próprio esclareceu:

“E Jesus, levantando os olhos para o céu, disse: Pai, graças te dou porque me ouviste. Aliás, eu sabia que sempre me ouves, mas **assim falei por causa da multidão presente, para que creiam que tu me enviaste.**”⁹

Não se tratava de uma “oração” propriamente dita, mas de um pronunciamento de louvor a Deus e de testemunho aos presentes.

Entretanto, para aqueles que insistirem em enxergar naqueles breves dizeres uma verdadeira “oração”, no pleno sentido da palavra, deve ficar bem clara a idéia já dantes apresentada de que não se tratava de um culto de adoração a Deus. Também deve ser salientado que Jesus não estava dentro de casa, num lugar de retiro, numa Sinagoga ou no Templo. Assim, só Ele poderia avaliar, naquela situação, a conveniência de se ajoelhar ou não.

11.5. Declarações de Francis D. Nichol, Artur L. White e D. E. Robinson.

Alguns citam ainda um artigo do Pastor Francis D. Nichol e cartas de Artur L. White e D. E. Robinson para atestar a validade de se variar a postura na oração.

Quanto aos 2 primeiros, é preciso lembrar que não são contemporâneos de E. G. White, o que destitui o peso de suas palavras. O fato de Artur L. White ser

⁹ João 11:41 e 42.

neto da profetiza não lhe confere maior credibilidade do que aos descendentes de outros grandes homens do passado. Tanto ele quanto Francis D. Nichol estão se valendo das mesmas informações disponíveis atualmente para os demais pesquisadores do assunto. Isso se observa de modo particular pelo uso que eles fazem de algumas das mesmas declarações que são transcritas nesta apostila e para as quais já foram dadas satisfatórias explicações.

Por outro lado, vale observar que os defensores da variação citam esses testemunhos para pura perda sua, pois que no final das contas eles acabam por confirmar a tese que tem sido defendida aqui, de que o ajoelhar-se é a regra geral e de que outras posições constituem exceções circunstanciais. Senão, observem-se os seguintes trechos:

Citações do Artigo de Francis D. Nichol (ver o texto completo no apêndice):

“Se voltamos a atenção para os escritos da Sra. White, não há dúvida que ela declara que a posição apropriada na oração é de joelhos, a fim de que manifestemos o máximo de reverência.”

“Que o espírito de uma profunda reverência deve apoderar-se de nós ao orarmos a Deus, e na maioria das circunstâncias isto é revelado no mais alto grau pelo ato de nos colocarmos de joelhos.”

“Normalmente em ocasiões habituais de oração em nossas igrejas, sem dúvida é bom ajoelharmo-nos.”

“Creio que existe grande diferença entre esta oração e as breves palavras de bênção, por exemplo.”

Citação de Artur L. White (ver o texto completo no apêndice):

“Recomendamos que há ocasiões e circunstâncias em que não é possível orar de joelhos. Às vezes, durante reuniões efetuadas em salões públicos ou em lugares apinhados, ou quando o soalho é sujo e áspero, que não é conveniente ajoelhar-se, e acho que em tais circunstâncias é melhor permanecer em pé. Isto constitui, porém, uma exceção e não a regra.”

Esses trechos são aqui citados não para se expressar plena concordância com

as referidas explicações, mas tão somente para demonstrar que tanto Francis D. Nichol quanto Artur L. White viam a oração de joelhos como a REGRA e outras posturas como extemporâneas, meras EXCEÇÕES baseadas nas circunstâncias. Observa-se também a nítida distinção feita pelo Pastor Nichol entre oração e benção, como se tem advogado aqui.

Testemunho de maior peso, todavia, é o de D. E. Robinson. Este, sim, foi testemunha ocular de cultos dos quais Ellen G. White tomou parte. Um pequeno trecho de suas palavras é citado no rodapé de *Mensagens Escolhidas*, vol. 3, p. 266:

“Tenho estado presente repetidas vezes em reuniões campais e sessões da Conferência Geral nas quais a própria irmã White tem feito orações com a congregação em pé, e ela própria em pé.”

Aparentemente, este testemunho coloca em xeque a posição que tem sido esboçada nesta apostila, já que o Pastor Robinson assegura ter presenciado a senhora White orando em pé. Entretanto, não se sabe por qual motivo, se por má fé ou por outra razão qualquer, a sentença seguinte da carta de D. E. Robinson que esclarece melhor o seu pensamento não foi inserida na nota de *Mensagens Escolhidas*, vol. 3. Os 2 trechos juntos assim rezam:

“Tenho estado presente repetidas vezes em reuniões campais e sessões da Conferência Geral nas quais a própria irmã White tem feito orações com a congregação em pé, e ela própria em pé. O pensamento de que na **benção final** o pastor e a congregação devem ajoelhar-se não é em parte alguma declarado nos testemunhos ou na Bíblia.”¹⁰

Fica evidente, pelo restante da declaração, de que o Pastor Robinson não viu a senhora White orando em pé, mas, sim, proferindo a benção final sobre os ouvintes.

Assim como as igrejas protestantes tradicionais, a IASD nos seus tempos mais

¹⁰ Carta de D. E. Robinson a William H. Daylish, em 4 de março de 1.934. Andrews University Theological Seminary, Ellen G. White Estate, *Harper Letter File*.

primitivos não encerrava seus cultos com uma longa oração, mas com uma bênção (breves palavras de favor e bem-aventurança). Ainda hoje, na Igreja Presbiteriana, por exemplo, os cultos são finalizados pela bênção. Por vezes, o ministro estende seus braços e profere uma ligeira sentença. Na bênção, tanto o ministro quanto os adoradores permanecem em pé e de olhos abertos, assim como Salomão e o povo na dedicação do Templo.

Por certo que alguns tentarão questionar tal conclusão pelo uso do termo “orações” na carta de D. E. Robinson. Mas, é necessário entender que ele se equivocou no uso desse termo e que, na verdade, sua intenção era referir-se à bênção, como o complemento de suas palavras o comprovam.

Que D. E. Robinson de fato estava aludindo à bênção final e não às orações propriamente ditas, torna-se patente pelas seguintes palavras de William C. White, filho de E. G. White:

“Tenho estado associado com a irmã White por muitos anos em seus labores e nunca soube que ela aconselhasse as pessoas a ajoelhar-se durante a **bênção final**. Estive com ela muitas vezes quando a **bênção final FOI DADA** da maneira usual e ela parecia aprová-lo inteiramente. É verdade que tem havido ocasiões em que reuniões muito solenes eram terminadas **por oração** na qual a **congregação se ajoelhava**, mas isso era muito excepcional e muito incomum.”¹¹

Pelas palavras de William White, não sobram dúvidas de que há clara distinção entre a “oração” e a “bênção”. Quando a bênção era DADA, os presentes permaneciam de pé; quando a reunião era encerrada POR ORAÇÃO, todos eram convidados a se ajoelhar.

Assim, desmorona mais um argumento do castelo de cartas montado pelos que defendem a variação sem critério da postura na oração.

¹¹ Carta de William C. White a S. T. Borg, em 2 de março de 1.934. Andrews University Theological Seminary, Ellen G. White Estate, *Harper Letter File*.

11.7. A Nota dos Compiladores em *Mensagens Escolhidas*, vol. 3.

Com respeito à nota dos compiladores em *Mensagens Escolhidas*, vol. 3, não há necessidade de muitos comentários, pois é evidente que as informações das quais eles se serviram são as mesmas que foram apresentadas nesta monografia. Com exceção da ligeira referência aos familiares de E. G. White que testemunharam “que em sua casa os que se assentavam à mesa da sala de jantar inclinavam a cabeça, e não se punham de joelhos”, nenhuma informação *inédita* é apresentada. E o peso desse testemunho na discussão é pequeno, já que a sua fonte não é indicada. Além disso, é importante observar que: [1] o ato de dar graças pelo alimento não representa propriamente uma ocasião de culto doméstico; [2] não é esclarecida com precisão qual era a prática da família White, se eles faziam uma oração de extensão considerável ou se eles apenas pronunciavam breves palavras de louvor a Deus, num estilo quase que ritual. Ocorre que o estilo de oração que antecede o alimento varia de família para família; entre aqueles que possuem o hábito de se demorar um pouco mais nesse momento de prece, seria recomendável que se ajoelhassem, mas não é dito se era assim na casa de E. G. White.

A rigor, a nota confirma o que tem sido aqui apresentado, ao afirmar:

“O enérgico conselho para ajoelhar-se parece ter sua principal aplicação nos cultos de adoração na casa de Deus e na família, e nas devoções particulares no lar.”

Isso está absolutamente correto, embora o mesmo não se possa dizer do comentário logo a seguir: “No ministério público houve ocasiões em que ela ficou em pé ao orar.”. A evidência de onde se pretende extrair tal conclusão realmente não tem fundamento e já foi analisada no capítulo dedicado ao exame das declarações da senhora White em *Mensagens Escolhidas*, vol. 3.

11.7. Casos Diversos.

Para encerrar este capítulo, restam alguns pontos esparsos que merecem ser comentados.

William C. Williams, citado por Mauro Bueno em “*Ensina-nos a Orar*”, afirma:

“Na preponderância de lugares onde a oração é mencionada no Velho Testamento, postura assumida é em pé.”¹²

Mas, onde está o fundamento para tal assertiva? Não nas Escrituras, por certo.

Noutro trecho, Mauro Bueno escreve:

“Ao examinarmos as passagens que retratam a atitude e posição de Cristo durante a oração não O vemos ajoelhado senão durante Sua agonia (cf. Luc. 22:41), quando caiu em terra (cf. Mar. 14:35) e ‘prostrou-se sobre o seu rosto’ (Mat. 26:39). Observe que ‘Luc. 22:41 é o único exemplo’ que menciona a posição de joelhos ‘no Evangelho’.”¹³

Mais adiante, ele novamente declara:

“Não vemos o próprio Jesus ajoelhado senão para a oração da agonia (cf. Luc. 22:41), quando ‘prostrou-se em terra’ (cf. Mar. 14:35), ‘sobre o seu rosto’ (cf. Mat. 26:39).”¹⁴

Comparem-se agora essas afirmativas com o seguinte comentário de Ellen G. White:

“Os discípulos MUITAS VEZES presenciavam Jesus ajoelhado em

¹² WILLIAMS, William C.. *New International Dictionary of Old Testament Theology & Exegesis*, vol. 1, p.175 apud BUENO, Mauro. “*Ensina-nos a Orar – Uma análise sobre a postura e atitudes corretas na oração*”. São Paulo: Mauro Bueno, 2.001, p. 20.

¹³ BUENO, Mauro. “*Ensina-nos a Orar*” – *Uma análise sobre a postura e atitudes corretas na oração*. São Paulo: Mauro Bueno, 2.001, p. 41.

¹⁴ Ibid., p. 51.

oração, com os corações quebrantados e humilhados. Quando seu Senhor e Salvador Se erguia, que percebiam em Seu semblante e atitude? - Que Ele Se achava fortalecido para o dever e preparado para a prova. A oração era uma necessidade para Sua humanidade, e Suas petições eram muitas vezes acompanhadas de altos brados e de agonia de espírito, ao ver as necessidades dos discípulos que, não compreendendo seu próprio perigo, muitas vezes eram, sob as tentações de Satanás, desviados do dever para um procedimento errado.”¹⁵

Mauro Bueno chama a atenção também para o fato de *Testemunhos Seletos*, vol. 2, realçar apenas a oração de início do culto como devendo ser feita de joelhos, embora ela faça referência a outras orações, a saber, [1] a oração após a entrada no recinto de culto; [2] a que deve ser feita pelo ministro ao chegar ao púlpito; [3] a que deve ser realizada pela congregação em associação ao pregador; e [4] a de encerramento do culto, que é denominada “benção”. Ocorre, entretanto, que, em *Testemunhos Seletos*, vol. 3, à p. 29, a senhora White especifica que a primeira dessas orações (de entrada no recinto de culto) deve ser feita de joelhos:

“A cada reunião religiosa devemos levar a viva consciência espiritual de que Deus e os anjos ali estão presentes, a fim de cooperar com todos os verdadeiros crentes. **Ao transpor as portas da casa de Deus, PEDI ao Senhor que vos afaste do coração tudo que é mau.** Introduzi em Sua casa somente o que Ele possa abençoar. **Ajoelhai-vos diante de Deus, em Seu templo,** e consagrei-Lhe aquilo que Lhe pertence e que Ele adquiriu com o sangue de Cristo. **Orai a favor da pessoa que dirigirá a reunião. Orai para que grande bênção advenha à congregação,** por meio daquele que deve ministrar a palavra da vida. Esforçai-vos fervorosamente para alcançar vós mesmos uma bênção.”

Concernente à oração do pregador, ao chegar ao púlpito, e da congregação, em associação com ele, é necessário esclarecer que a irmã White alude à oração silenciosa, mental. Senão, observe-se:

“Quando os crentes entram na igreja, devem guardar a devida compostura e tomar silenciosamente seu lugar. Se houver na sala uma estufa, não convém agrupar-se em torno dela em atitude indolente e de abandono. Conversas vulgares, cochichos e risos, não devem ser

¹⁵ WHITE, Ellen Gould. *Nos Lugares Celestiais* – MM 1.968, p. 76.

permitidos na igreja, nem antes nem depois das reuniões. Uma ardente e profunda piedade deve caracterizar todos os adoradores.

“Se faltam alguns minutos para o começo do culto, os crentes devem entregar-se à devoção e meditação SILENCIOSA, elevando a alma em oração a Deus para que o culto se torne para eles uma bênção especial, operando a convicção e conversão em outras almas. Devem lembrar-se de que estão presentes ali mensageiros do Céu. Perdemos geralmente muito da suave comunhão com Deus pela nossa falta de quietude e por não nos darmos à reflexão e oração. O estado espiritual da alma necessita muitas vezes ser passado em revista, e o espírito e coração serem elevados para o Sol da Justiça. Se os crentes, ao entrarem na casa de oração, o fizessem com a devida reverência, lembrando-se de que se acham ali na presença do Senhor, seu silêncio redundaria num testemunho eloqüente. Os cochichos, risos e conversas, que se poderiam admitir em qualquer outro lugar, não devem ser sancionados na casa em que Deus é adorado. Cumpre preparar o espírito para ouvir a Palavra de Deus, a fim de que esta possa exercer impressão e influir sobre a alma.

“O pastor deve entrar na casa de oração com uma postura digna e solene. Chegado ao púlpito, deve inclinar-se em SILENCIOSA oração e pedir fervorosamente a assistência de Deus. Que impressão não fará isto! A solenidade se apoderará de toda congregação. Seu pastor ali está, comunicando-se com Deus, encomendando-se a Ele antes de ousar apresentar-se diante dela. Uma profunda solenidade invade tudo e a todos, e os anjos de Deus são trazidos para bem perto. Cada um dos congregados deve, de cabeça inclinada, associar-se ao pregador em SILENCIOSA oração, e suplicar a Deus que abençoe a reunião pela Sua presença, imprimindo virtude à palavra ministrada por lábios humanos.”¹⁶

A última “oração” não é propriamente uma oração, nem a senhora White a denomina como tal. Trata-se da “benção final”, que realmente deve ser ministrada de pé, conforme os esclarecimentos dados na seção 11.5 deste mesmo capítulo.

No intuito de provar que a irmã White tenha orado em pé, o livro *Consultoria Doutrinária*, da Casa Publicadora Brasileira, à p. 226, traz uma versão adulterada do texto que aparece à p. 152 de *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, e, à p. 270 de *Mensagens Escolhidas*, vol. 3:

¹⁶ Id. *Testemunhos Seletos*, vol. 2. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, pp. 194 e 195.

“Que o Senhor vos ajude a lançar mão dessa obra como nunca dantes o fizestes. Fá-lo-eis? Erguer-vos-eis aqui e dareis testemunho de que fareis de Deus vossa confiança e vosso Ajudador? [Levanta-se a congregação, e a senhora White ora]: Graças Te dou, Senhor Deus de Israel. Aceita esse compromisso deste Teu povo. Põe sobre eles o Teu Espírito. Seja neles vista Tua glória. Ao falarem eles a Palavra da Verdade, vejamos nós a salvação de Deus. Amém.”

Essa versão adulterada realmente dá entender que a senhora White tenha orado em pé, ao passo que o texto correto não permite concluir qual era a posição dela no momento da oração. O trecho correto aparece transcrito e comentado no capítulo 10 desta monografia.

Finalmente, alguns querem se valer da passagem de 2 Samuel 7:18 (“O rei Davi entrou na Tenda Sagrada, sentou-se e orou assim: — Ó SENHOR, meu Deus, eu não mereço tudo o que fizeste por mim no passado, e a minha família também não merece.”¹⁷) para comprovar a conveniência de variar a postura na oração, já que Davi teria orado assentado. Mas, quanto a esse verso específico, o próprio Pastor Mauro Bueno fornece a devida explicação:

“A expressão ‘se assentou’ é comumente explicada pelos comentaristas como significando ‘permaneceu’. Os rabis dão à palavra seu significado habitual, e dizem que era privilegio dos reis orarem estando assentados. Mas possivelmente não podemos crer que reis neste primeiro estagio houvessem estabelecido uma etiqueta especial. , e a dificuldade é meramente imaginária. Sendo que os judeus oravam em pé, e nos modernos oramos ajoelhados, assumimos que orar assentado fosse ato irreverente. Este não era o caso, nem devemos pensar que Davi se assentou numa cadeira de preguiça. Ele se sentou no chão, como era o costume oriental, com seus pés dobrados para trás, e com a cabeça inclinada para frente; e nesta postura meditou nas mensagens de Jeová, e então derramou seus pensamentos.”¹⁸

Ora, isso revela que Davi estava ajoelhado na verdade e não assentado de maneira relaxada.

¹⁷ Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH).

¹⁸ SMITH, R. Payne. *The Pulpit Commentary*, vol. IV, pp. 185 e 186 apud BUENO, Mauro. “*Ensina-nos a Orar*” – Uma análise sobre a postura e atitudes corretas na oração. São Paulo: Mauro Bueno, 2.001, p. 27.